

CORAÇÕES RUIDOSOS  
EM QUEDA  
LIVRE

ALEX SENS

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2018



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Daniel Zanella

FOTO DO AUTOR: Lucas Figueiredo Silveira

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

S478c Sens, Alex. 1988—

Corações ruidosos em queda livre / Alex Sens – Guaratinguetá, SP:  
Penalux, 2018.

132 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-457-0

1. Contos I. Título

CDD B869.93

---

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## CORAÇÕES RUIDOSOS

embrou-se do piano abrindo a medula do ar com poucas notas, notas coriscadas e alveolares. E como lhe doía ouvir Ólafur Arnalds. Sempre. Como rever um antigo amor sorrindo dentro do sorriso de outro. Mas, nesse caso, era rever com uma embriaguez emocional as areias negras de Dyrhólaey no fundo do celular. Foi bom ter esquecido qualquer antigo amor, mas foi ainda melhor ter esquecido os fones de ouvido, só não lembro onde estão. Não importa, se já estou aqui. Importava? Ele com certeza choraria mais, se ouvisse. Melhor o silêncio, sei lá. Ele estava ali, percebeu com incômodo, ao lado de uma mulher que fingia não chorar. Esconder a tristeza era sempre esse trabalho inútil de ocultar o elefante atrás da asa da formiga. Ou tentar gostar daqueles pedaços gordurosos de hákarl só para impressionar um nativo cuja risada era sempre menos uma causa do que um hábito. Eles podiam ser irritantes, no entanto eram em sua maioria incrivelmente amáveis, como novos amigos num bar congelado. Sem querer, sua mente trouxe aquelas paisagens num rasgo de memória,

fazendo sangrar um pouquinho as notas melancólicas de “Raen”. O violino abrindo os pulsos de um silêncio em estado de espera, como ele. Sempre uma espera interminável? Eu não sei quando volto, sei? Lá no fundo a gente sempre sabe, tem a ver com desejo e um pressentimento bom que vem desse desejo. Quando voltaria era uma questão financeira, mas também de tempo, e o tempo se relacionava diretamente com o amor, a família, os estudos. Se bem que abandonaria tudo por um retorno eterno. Eterno. A palavra vibrou atrás de si, como se um vento boreal beijasse de leve com seus lábios de basalto os pelinhos da nuca. Cada instrumento agora cavando uma parte vital do corpo branco do ar. Ele olhou para os próprios pulsos. Quantas vezes os considerara finos demais? Pulsos finos, membros brancos e delicados onde pulseiras e braceletes (inclusive aqueles feitos à mão, com esferas de lava vulcânica) ficavam largos demais e outras mãos enlaçavam com tal destreza que se sentia humilhado como uma criança; e a touca com pele falsa, as luvas de couro de cabra com aquelas costuras sofisticadas, as botas impermeáveis, a alegria esculpida na neve, maio de 1997. Tudo lhe soprava, como um vento frio e diabólico, as imagens coaguladas da Islândia, formando a mesma crosta escura dos cadáveres de tubarão pendurados em cabanas erguidas pelo amoníaco. Quando o ônibus passou por uma rala cachoeira, sorriu entristecido. Um tipo raro de sorriso que não só representa a dor, mas uma lembrança presa entre os lábios e pronta para se juntar à gravidade que dá peso às lágrimas. Skógafoss na primavera, imensa, branca e viva logo atrás de um tapete violáceo de tremoços. Subitamente, seus olhos se

transformaram em dois grandes goles de brennivín. Não poderiam ser de água. Não. O sabor da bebida fez cócegas em seu nariz. Sorriu, emocionado. Nunca encontrarei nada parecido por aqui. A memória sempre seria um anátema saboroso. A saudade, um anjo satânico, cujos olhos se abriam oraculares como as águas arteriais de Landmannalaugar.

Ela ainda tinha os dedos pressionados contra as têmporas, ocupando o apoio que dividia os dois assentos. Porque achava que precisava mais. Se ele estivesse ali, com aquele sorriso branco, apoiaria seu violão e fingiria tocar umas notas ensolaradas para chamar a atenção do cobrador. Trocaria de lugar com ela para fugir do Sol. Ela se queimaria por ele. Já fizera isso durante uma viagem de ônibus entre dois estados porque não havia cortinas. Mas havia vento. Ela lembrava do vento nos cabelos dele. Sempre de olhos cerrados tendo algum contato anímico, talvez ancestral, com o vento. Desde pequeno, com os braços apoiados na janela da caminhonete, ou deitado no banco de trás vendo passar uma série de luzes amarelas e árvores e luzes amarelas e árvores e luzes amarelas e árvores e de repente!, ah, de repente o carro parava em frente à sorveteria se fosse o meio do passeio, ou na garagem da casa se fosse o fim, com a bermuda dele toda grudada de sorvete de chocolate, ela pensou enxugando uma lágrima e já não lembrava se era a terceira, a quarta, a vigésima lágrima; as anteriores já tinham sido absorvidas pelo vestido, assim como ele tinha sido absorvido pela terra, rompendo com toda a sua fé, tudo em que acreditara desde a metade do século, inclusive Deus, que agora mais lembrava uma sombra ou uma promessa não cumprida. Deus?

Se você existe, que eu morra hoje. Deus, se você existe, traga de volta o cheiro dele. O cheiro dele tinha desaparecido da casa. O perfume amadeirado, as notas de begônia, o xampu de limada-pérsia, o suor na borda interna do boné, as lascas de madeira dos lápis apontados, o carvão nos papéis colados sobre a cama, as meias azedas no fundo das gavetas. Não aguento mais porque... Outra lágrima caindo entre a memória olfativa e o desejo de revê-lo. O perfume de pão torrado na manteiga. Por que ele nunca fechava a porta da cozinha? Aquele cheiro subia pela escada como uma criatura leitosa. E ele ria gostosamente, silenciosamente, ou nem tanto, como uma provocação quase velada. Riria agora das suas sandálias azuis, do esmalte branco, daquele anel cuja pedra não mudava de cor. Quando o homem ao lado forçou a janela, o vento frio lhe sobressaltou. Poderia ser comigo, não com ele. Foi só sair do banho que a diferença de temperatura o matou na mesma hora, como um raio invisível. Se não fosse isso... porque nevava do lado de fora. Ele tinha deixado a janela do quarto aberta. Desde o funeral carregava o segredo de chamá-lo de idiota. De imbecil. Uma mãe não pode chamar o filho de imbecil, mas ele tinha sido. E agora estava morto. Ela era uma imbecil por amá-lo tanto. Ele gostava muito dessas viagens comigo e agora vou sempre com um estranho que mal sabe da minha dor. A outra lágrima caiu na quina de sua tristeza e ficou ali parada, aberta como uma chaga que só ele podia abrir devagarinho com as unhas lascadas de memória, as unhas dele, ele que sempre cuidava tão bem das unhas, que era limpo e metódico como um buda. Ele. Volta, meu filho. Volta.

Está chegando, ele pensou, esfregando as mãos meio suadas na bermuda. E depois pensou se o namorado estaria de bermuda, aquela mais folgada, em cujos vãos entravam suas mãos numa brincadeira sensual sempre repetida com humor e companheirismo. Ainda que estivesse muito frio, precisava ver suas pernas. A cor da pele, o contorno da panturrilha, os pelos formando um convite, cada um guardando um vento sutil e o beijo de uma antiga viagem. Porque a parada naquela cidadezinha (cujo diminutivo já denotava desgosto pela mesma, ainda que ela não lhe trouxesse qualquer experiência desagradável, isso é verdade) já tinha sido feita, sabia que estava chegando. E bastasse que o ônibus passasse pela chácara com o nome daquele salão da mitologia nórdica e estaria ainda mais perto. Depois umas casinhas, um bar abandonado com uma pichação política (“Fora a direita golpista!”), mais umas casinhas, uma fábrica e um grande atacado de telhado verde cujo estacionamento se limitava a comportar caminhões de frutas batidas e refrigerantes quentes. Quase. Respirou fundo e sentiu pena da mulher que chorava. Ele sabia que poderia chorar na viagem de volta; toda despedida era como perder uma parte de si por vontade própria, mas também era uma obrigação. Embora os corpos deles fossem um só desde maio, cada corpo, ainda que se fazendo lar ao desejo do outro, estava em uma cidade diferente. Próximas, mas diferentes. Então todo mês a distância era sovada com algumas viagens de ônibus. Melhor assim, pensou. Melhor assim. Lembrou do carro parado na garagem. Sentia-se mais tranquilo sendo guiado. Até mais seguro. Nesses dias de viagem, a saudade ganhava um novo contorno, próxima de

uma urgência cardíaca misturada à certeza do reencontro. E ele vai sorrir ao me ver e vai ficar sem jeito porque a gente não se beija logo de cara. Pensou nas unhas dele, no sorriso sempre largo dos olhos, no pão de queijo, no suco de goiaba, gelado e doce. Precisavam de outra viagem juntos, os dois. Precisamos. Trocou de música mais de trinta vezes. Talvez fosse a ansiedade. Ela deve ter se despedido de alguém, como eu vou me despedir dele daqui a umas cinco horas. Que bom que ainda não aconteceu, não sei por que sempre sinto isso. Que bom que ainda não aconteceu. Porque o melhor sempre estava por vir. Esse momento anterior me traz paz, deve ser isso. Logo vem a dor da incerteza, melhor nem pensar. O cara do lado dela podia fazer alguma coisa, emprestar um lenço, eu nunca me esqueceria de um ato gentil como esse. Ele apalpou o bolso da bermuda e sentiu o volume: o lenço da viagem ao Rio. O lenço com o qual ele limpava as lágrimas depois de ler a letra de Caetano, depois de beijá-lo na rodoviária, depois de sentir o coração afundar como uma âncora no meio daquele mar que era todo feito de um abandono provisório. Para, senão você chora. Mas eu trouxe o lenço exatamente para isso. Não exatamente, o problema é a rinite. As coisas estão boas. Quando começou a tocar Calcanhotto, retirou os fones. Era melhor chorar por um motivo racional, não agora. Rasgue as minhas cartas e não me procure mais. Como a morte, a música dela sabia silenciar os ruídos do coração.

Talvez o único efeito profícuo dessas viagens seja a observação, pensou ele, mais ao fundo, na antepenúltima poltrona. Uma mão segurando o rosto talhado pelo tempo, a outra



uma rosquinha de creme mordida ali no centro, onde parecia ter sido mergulhada na neve; um olho no corredor até as cabeças que podia enxergar; outro olho na janela através da qual via uma série de árvores e sítios pontilhados por vacas e carneiros. O rapaz com os fones de ouvido parece estrangeiro, mas ele falou alguma coisa em português com o outro. Todo mundo quer a janela. Bobagem. Há mais para se ver aqui dentro, ao menos eu acho. Não sei por que continuo tendo essas conversas interiores, mas a camiseta dele diz HOLLAND, o cabelo dele diz EUROPA, tudo nele exala outro continente, inclusive o tecido da mochila, o modelo dos fones grandes, o jeito de olhar como se estivesse deslumbrado. Ninguém se perguntou por que ele tinha caminhado até o motorista para fazer uma pergunta retórica e voltar logo em seguida ao seu assento, mas sabia que era para ver se aquela mulher chorava mesmo. Teve de conhecer seu aspecto, invadir aquele momento por alguns segundos, podia ser útil para um conto. Comumente, as pessoas eram desinteressantes, vazias, carregavam uma bagagem de clichês já explorados em toda a literatura mundial, mas ele se esforçava. Sabia que, se descobrisse por que ela chorava, se arrependeria. Morte? Abandono? Um câncer recém-descoberto? Isso entrava na esfera da morte. Cada passageiro dentro do ônibus era uma história única, portanto, um universo que podia explorar sem que soubessem. Às vezes, ele cruzava as pernas incomodado com a sensação de estar roubando uns cacos perigosos daqueles corpos, inventados ou não. Se pudesse, ainda que sua misantropia instilasse em seu espírito um medo e uma repulsa justificáveis (ou quase: dali a exatamente um ano

Quando soltei o revólver, caminhei até a piscina, sorri para as árvores (àquela hora úmidas de um brilho febril e vingativo), abri os braços, mergulhei e deixei que meu corpo flutuasse. Depois disso, quando quase dormia, vários homens entraram na água, me agarraram com uma agilidade violenta e me levaram para a delegacia. A cela de onde escrevo tem quase a mesma sensação de conforto deste meu último mergulho.

As cartas escritas para os mortos têm a pecabilidade de não serem lidas, mas a grandiosidade de carregarem em suas linhas uma intenção mais poderosa do que a ansiedade apreciativa que reside na possibilidade de suas respostas. Verônica, você estava certa, minha atividade epistolar era algo necessário. Mais do que matar você e essas outras pessoas para finalmente me tornar famosa, para ser a figura supina do inflamável mercado editorial, mais do que atingir o patamar que atingi, fazendo o mundo conhecer o nome Leonor Asenov, eu precisava escrever cartas, e esta foi a última.

Estou cansada e maravilhada. Estou num estado de êxtase a que poucos chegam. Se o câncer não encontrar o caminho da minha morte, que um dia este pequeno lápis encontre o ponto certo da minha garganta. As balas que entram na minha boca têm gosto de morango. As que entraram nos corpos dos meus destinatários, o gosto indescritível da transcendência.

LEONOR